



ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA
S. VICENTE DE PAULO
BRAGA

O VICENTE

Rua Campo das Parretas, nº26, 4700-418 Braga

Tel: 253 609 350 | Telem.: 935 534 759

E-mail: geral@asvp.pt

www.asvp.pt

2ª Série / Nº8 / Edição Trimestral / Julho 2017 - Diretora: Lillian Reis

Editorial

Santos (e) Arraiais!

"Santo António já se acabou, o São Pedro está-se a acabar, S.João dá cá um balão para eu brincar...". Canta o povo e muito bem esta música que todos conhecemos, mas que não faz grande sentido quanto a datas! Pois bem, por isso mesmo, é legítimo nós acrescentarmos à festa mais um Santo Popular: o nosso S.Vicente de Paulo, que viveu com o povo e para o povo, e fazemos também o nosso arraial, o primeiro, a que se seguirão muitos outros! E o que é um "arraial"? A palavra vem do Árabe ar-rahya, que significa "rebanho" e, por extensão, "plebe", "gente", mas significa também "acampamento", "lugar pequeno e temporário", "povoado ou lugarejo", "lugar em que se realizam festas populares". Daqui se pode depreender que a palavra "arraial" tem tudo a ver com a nossa casa da AASVP: um lar pequeno, com um pequeno rebanho de apenas 30 (o)velhinhas, gente da plebe que precisa de "acampar" connosco durante o tempo que Deus lhes permite cá ficar.

Por isso, vamos á festa, meus amigos, pois haverá boa comida e boa música, e muitos e bons convivas que ajudarão generosamente o nosso Lar. Eles verão que a causa é boa e que vale a pena aqui trabalhar e contribuir para ajudar "os mais frágeis"!

Bem hajam! Viva o arraial de S. Vicente de Paulo!



28º Aniversário da AASVP (1989 – 2017)



"Guimarães de Sá é um bracarense bem conhecido de todos nós pelo seu empenho à causa da Leitura e Bibliotecas Infantis e Juvenis e pelo apoio dado às mães solteiras através do Lar de S. José (Associação de S. José), onde de alma e coração se devotou mais de um quarto de século. Foi graças ao seu dinamismo, dedicação e persistência que ele conseguiu a construção do valioso imóvel onde hoje o Lar de S. José se encontra instalado, aqui bem perto de nós.

Mas não ficou por aqui. Continuou a preocupar-se com os mais desfavorecidos, e ei-lo que se abalança de novo a grande empreendimento: a construção de um Lar para idosos da freguesia da Sé, no âmbito da regra das Conferências de S. Vicente de Paulo.

E não tem paragem! Uma vez só, outras acompanhado, galgou as escadas da Câmara, do Governo Civil e da Segurança Social, para levar avante o seu sonho.

E conseguiu-o! A Obra apareceu!

Como todos devemos estar recordados, foi em 14 de Junho de 1995, esse grande dia!

Benzidas que foram as instalações por sua Ex.ª Rev.m.ª o Senhor Arcebispo Primaz D. Eurico Dias Nogueira e benzida ainda uma carrinha para serviço do Lar, este Prelado teve palavras de grande apreço para Guimarães de Sá e para todos quantos com ele colaboraram, congratulando-se com esta obra que classificou de indispensável e oportuna.

Mas as amizades de Guimarães de Sá fizeram aparecer naquele dia festivo, além das mais altas individualidades da nossa cidade, algumas centenas de outros ilustres convidados, admiradores de Guimarães de Sá e desta grande obra social".

O Vicente nº4, Junho de 1998

14 de junho – Um aniversário...

Lá onde te encontras, Mãe, alguém saberá cuidar de ti como mereces pelo bem que fizeste aos outros! Cá, cuido eu como cuidaste de mim, recordando-te como gostarias que o fizesse, com palavras assim, sempre, e com flores, neste teu dia! (Maria José Gomes)



"No sorriso louco das mães batem as leves gotas de chuva. Nas amadas caras loucas batem e batem os dedos amarelos das candeias.

Que balouçam. Que são puras.

Gotas e candeias puras.

E as mães aproximam-

se soprando os dedos frios.

Seu corpo move-se pelo meio dos ossos filiais, pelos tendões e órgãos mergulhados, e as calmas mães intrínsecas sentam-se nas cabeças filiais.

Sentam-se, e estão ali num silêncio demorado e apressado vendo tudo, e queimando as imagens, alimentando as imagens enquanto o amor é cada vez mais forte.

E bate-lhes nas caras, o amor leve.

O amor feroz.

E as mães são cada vez mais belas.

Pensam os filhos que elas levitam.

Flores violentas batem nas suas pálpebras.

Elas respiram ao alto e em baixo. São silenciosas.

E a sua cara está no meio das gotas particulares da chuva, em volta das candeias. No contínuo escorrer dos filhos.

As mães são as mais altas coisas que os filhos criam, porque se colocam na combustão dos filhos, porque os filhos estão como invasores dentes-de-leão no terreno das mães.

E as mães são poços de petróleo nas palavras dos filhos, e atiram-se, através deles, como jatos para fora da terra.

E os filhos mergulham em escafandros no interior de muitas águas, e trazem as mães como polvos embrulhados nas mãos e na agudeza de toda a sua vida.

E o filho senta-se com a sua mãe à cabeceira da mesa, e através dele a mãe mexe aqui e ali, nas chávenas e nos garfos.

E através da mãe o filho pensa que nenhuma morte é possível e as águas estão ligadas entre si por meio da mão dele que toca a cara louca da mãe que toca a mão pressentida do filho.

E por dentro do amor, até somente ser possível amar tudo, e ser possível tudo ser reencontrado por dentro do amor."

Herberto Hélder

(excerto do poema «Fonte», publicado em A Colher na Boca)

Se ainda estivesse no meio de nós, deste lado da vida, celebraríamos, no dia 14 de junho deste ano, o seu 95º aniversário de nascimento. Assim, toda a Direção, todos os Colaboradores, todos os Associados, todos os Utentes e Benfeitores, unem-se cordial e fraternamente à homenagem que a nossa Presidente presta à mãe, com a essência das palavras do poema de Herberto Hélder. Deixem-nos transcrever, da memória de Dona Amélia, gravada no Vicente nº 6, esta passagem:

"Se «a vida é um grito que Deus ouve» (Teixeira de Pascoaes), queremos que o eco desse grito, grito de Mulher de Fé e de Obras, se repercuta sem fim na memória das gerações que à sua se sucederão na vida e na missão do Lar de São Vicente de Paulo e de todos os que se dedicam ao cuidado dos mais frágeis, vicentinos e não vicentinos".

Aniversários

A Direção deseja um feliz aniversário, com saúde, paz e alegria a todos os associados, colaboradores e residentes do Lar de S. Vicente de Paulo que já tenham feito anos ou que façam anos nos próximos meses.



À conversa com...

Dona Alice

II

“Decana do nosso Lar”

VICENTE - Sabendo que a querida Dona Alice é a “decana” do nosso Lar, hoje gostaria de lhe pedir que nos abrisse o livro das suas memórias sobre os cantos, os encantos e os desencantos desta casa, que é sua desde há 22 anos! O *dicionário* diz-nos que “decano” é a pessoa mais antiga de uma instituição, e esse estatuto é próprio da Dona Alice. Mas, segundo o mesmo *dicionário*, “decano” é também aquela “pessoa que tem a seu cargo um grupo de dez pessoas”. Observando o serviço e o auxílio que, durante anos e anos, a Dona Alice tem prestado aos Colaboradores e aos Utentes do nosso Lar, cuidando da limpeza e disposição das mesas, no Refeitório, dando o iogurte e a água a beber àqueles que o não podem fazer por mão própria, acudindo a todas as situações relativas ao bem-estar dos nossos idosos, também neste sentido de ter “a seu cargo um grupo de dez pessoas”, o título de “decana” do Lar de São Vicente de Paulo é mais do que justo e bem merecido pela Dona Alice, pois cuida bem mais do que de dez pessoas!

Posto isto, como «memória viva” que é do nosso Lar, Utente dele praticamente desde a primeira hora, pode falar-nos, por conhecimento pessoal, do carisma do Fundador, dos primeiros passos, das realizações e das transformações que têm perpetuado e engrandecido este especial “acampamento” que escolheu para viver boa parte da sua vida.



DONA ALICE – A primeira virtude ou boa qualidade que me apraz recordar e enaltecer na pessoa do Sr. Guimarães de Sá é a virtude da *hospitalidade*! Logo, no primeiro encontro que tive com ele, no Patronato da Nossa Senhora da Torre, acompanhada pela minha sobrinha, que me pôs em comunicação com ele, senti a compreensão e a compaixão com que ele ouviu a razão do meu pedido para ser recebida na nova Casa que ele sonhara para os seus “sem abrigo”. Após a saída forçada da minha casa, passei a viver na casa da minha sobrinha, recém-casada, mas para quem

não queria ser incómoda. O Sr. Guimarães de Sá disse-me que eu tinha imediatamente lugar no Centro de Dia, a funcionar provisoriamente no Patronato, mas que, de imediato, não tinha vaga no novo Lar, mas que, logo que houvesse vaga, eu seria recebida. No fim deste primeiro encontro, em que abri ao Sr. Guimarães de Sá o livro da minha vida, confessando-lhe o incómodo ou a “prisão” que podia estar a ser para a vida da minha sobrinha, tive a experiência de ter saído de um confessional, com uma sensação de alívio, de conforto e de esperança.

VICENTE – E, pelos vistos, depressa se abriu a porta desta casa ou deste seu novo “porto de abrigo”.

DONA ALICE – É verdade! Não fui Utente logo no primeiro dia de vida do Lar, mas foi-me dito pelo Sr. Guimarães de Sá e pela sua saudosa esposa, Senhora Dona Amélia, logo nesse dia da abertura, que já ia ter lugar. Recordo-me das palavras balsâmicas do Sr. Guimarães de Sá: “Já tem um quatinho, já não tem necessidade de ser pesada a ninguém; só quero que se sinta bem”. Manifestei-lhe e fiquei a dever-lhe uma inesquecível gratidão. E assim, no segundo dia de vida desta Casa, pela manhã, bati à porta, que logo me foi aberta pelas cozinheiras, as senhoras Dona Augusta e Dona Patrocínio.

VICENTE – E, assim ingressou nesta Casa, pela mão do Fundador, dando início a uma nova etapa da sua vida! Não surpreende, pois, que tenha e nutra tanta veneração pelo Sr. Guimarães de Sá!

DONA ALICE – Embora reconheça que não sou tão boa observadora como era a Senhora Dona Amélia, de tudo o que se passava na vida do Lar, da vida de todos os seus Utentes e dos serviços que lhes devem ser prestados, observei, no entanto, desde a primeira hora, a bondade e o carinho com que o Sr. Guimarães de Sá entrava e estava nesta Casa, com os olhos, do corpo e da alma, postos nos seus Utentes! Parece que estou a ver tantos deles, alguns dos quais geralmente de olhos e ouvidos fechados, acordarem da sua prostração e iluminar-se-lhes o rosto, abrirem-se-lhes os olhos e os ouvidos e esboçarem um sorriso de felicidade, quando sentiam, viam ou ouviam o Sr. Guimarães de Sá! Quando entrava e estava no seu e nosso Lar era como se um raio de luz e de calor entrasse pelas paredes e poisasse sobre cada um de nós!

VICENTE – Pelo que oíço, a “partida” do Sr. Guimarães de Sá foi, também para a Dona Alice,

uma penosa provação, criando um vazio impossível de preencher, na vida dos Utentes e de toda a Família do nosso Lar!

DONA ALICE – Se foi uma “provação”, amigo Vicente! Se foi um “vazio”! Para mim, foi como se me faltasse o chão ou a parede a que estava encostada!

VICENTE – Uma das observações feitas pela generalidade dos Utentes e Colaboradores do nosso Lar é a do serviço que a Dona Alice presta graciosamente, cuidando das mesas e da limpeza do Refeitório e da Sala de Estar, dando a comida aos incapacitados, socorrendo todos aqueles que precisam de alguma ajuda. Serviços, no entanto, que nem todos os olhos veem, mas que são pérolas de humanidade e de proximidade humana de valor incomensurável!

DONA ALICE – Um dos pedidos e das ofertas que fiz ao Sr. Guimarães de Sá, quando ele me recebeu nesta sua Casa, foi que, logo que eu estivesse restabelecida da minha debilidade, queria colaborar no que pudesse e fosse necessário na vida e na atividade do Lar. Ele disse-me que sim, mas que primeiro devia recuperar a saúde e sentir-me bem. E assim foi. A minha primeira colaboração foi na Cozinha, por onde andei uma série de anos. Como gostava de me levantar cedo, quando as cozinheiras chegavam, já eu tinha os trabalhos adiantados, descascando batatas, cebolas, cuidando do que estivesse programado para cada dia. Depois da cozinha, foi, de facto, no Refeitório que concentrei a minha principal atividade e colaboração, até hoje, em que as forças me vão faltando e já não posso fazer o que gostaria de fazer e seria necessário.

VICENTE – Dona Alice, contemplando, deste ponto em que nos encontramos, a vida do nosso Lar, com tantos anos quantos os que aqui já viveu, de que tem saudade?

DONA ALICE – Lançando o meu olhar para todos estes anos de vida do nosso Lar, distingo dois tempos e duas formas bem distintos: uma primeira fase, em que o Lar tinha pouco mais de um terço dos Utentes que tem hoje e em que quase não havia dependentes, e a fase atual, bem mais “pesada”, por força da quantidade e, sobretudo, pelo elevado grau de dependência da maior parte dos Utentes. Aquele espírito de família que reinava nos primeiros tempos não pode existir neste novo tempo e nestas novas circunstâncias e isso causa-me pena, como me

causa saudade a recordação daqueles com quem convivi e a quem prestei a ajuda de que necessitavam e me era possível. Recordo, por exemplo, a minha última companheira de quarto, a Dona Rosinha, de quem me despedi, no Cemitério do Repouso, no Porto, onde ela foi cremada.

VICENTE – Ao providencial porto de abrigo do nosso Lar, vão chegando continuamente novos “refugiados” de outras paragens, impelidos pelas forças adversas da natureza e da cultura. Esta circunstância do contínuo encontro e convívio com novos rostos, perturba-a, Dona Alice?

DONA ALICE – É evidente que provoca sempre alguma perturbação, sobretudo quando a sua adaptação ao novo ambiente é mais problemática. Mas, pelo contrário, também quero revelar-te, amigo VICENTE, a boa impressão que me tem causado o carinho pelos idosos que tenho observado nos jovens que têm estado ou ainda estão no nosso Lar, realizando estágios profissionais ou cumprindo serviço educativo. São admiráveis, uns e outros! Ultimamente, depois de três meses de trabalho de estágio e de convívio, vimos partir as estagiárias Vânia e Mafalda, que nos deixaram, e penso que levaram, tão boas recordações!

VICENTE – Para terminar, e evocando novamente essa figura carismática do Sr. Guimarães de Sá e as suas luminosas virtudes de “anjo da guarda” dos mais carenciados e desprotegidos e de Fundador de abrigos para os “sem teto” humano, que mensagem sente que deveria e gostaria de transmitir aos “herdeiros” da herança espiritual e aos “administradores” a quem cabe prosseguir a obra do Sr. Guimarães de Sá?

DONA ALICE – Gostaria de lhes dizer que procurassem seguir as pegadas do Fundador, que se empenhassem em imitar as suas virtudes – o seu espírito hospitaleiro; a sua compaixão com os pobres, com os idosos, com os doentes, com os abandonados; a sua bondade e o seu carinho com todos; a sua coragem e persistência junto dos governantes e dos poderosos para os sensibilizar para a condição dos deserdados da sorte e da fortuna; as boas palavras e os bons conselhos que sabia e primava em dar aos necessitados; a prática das boas obras de Misericórdia, as materiais e as espirituais, necessidade para que tanto tem apelado o nosso Papa Francisco, o Papa da Misericórdia!

À Conversa com as Estagiárias... Vânia e Mafalda

VICENTE – Muito me agrada observar a animação e a passagem de tantas pessoas pelo nosso Lar! Agrada-me ver os familiares dos Utentes que carinhosamente visitam e confortam os seus entes queridos. Agrada-me ver os prestadores de cuidados de saúde (médico e enfermeiras). Agrada-me ver os muitos Voluntários, que graciosamente dispõem, de si e de bens seus, de tempo e de afeto, para dispensar e distribuir pelos nossos Utentes. Hoje, quero conversar com duas jovens que tenho visto pelas imediações da Secretaria, mas também pela receção, mas também na animação, mas também na ajuda aos utentes dependentes. Para satisfazer a minha curiosidade, perguntei-lhes: quem sois e o que vos trouxe a esta casa?

VÂNIA e MAFALDA – Chamo-me Vânia Sofia Couto, sou aluna finalista do Curso Profissional de Secretariado da Escola Secundária Alberto Sampaio (Braga) e vim para esta casa para fazer o Estágio Profissional de fim de Curso.

Chamo-me Mafalda e sou, tal como a Vânia, aluna do 12º ano, da Escola Alberto Sampaio, no Curso Profissional de Secretariado. Vim para esta Instituição com o objetivo de realizar o Estágio Profissional necessário para conclusão do Curso.

VICENTE – Em todo o caso, é mais fácil imaginar uma aluna deste Curso a fazer o seu Estágio Profissional de Secretariado numa Empresa do que num Lar. É, por isso, natural que vos pergunte se vos sentis bem neste ambiente muito especial e muito distinto dos ambientes próprios dos jovens.



a qual me foi indicada pela Escola. Devo confessar a minha satisfação pela oportunidade de realizar o meu Estágio numa Instituição como

esta, que me proporcionou uma experiência que uma empresa, por exemplo, não podia facultar-me” (MAFALDA).

VICENTE – Mas, sendo vós jovens, como vos sentis no convívio com idosos tão fragilizados e tão dependentes? Não se torna penoso ver, conviver e agir com estas pessoas?



VÂNIA e MAFALDA – “Para mim, não é nada penoso. Apraz-me, pelo contrário, este convívio, esta proximidade e este serviço que presto, nos momentos em que não estou em atividade específica do Estágio. Reconheço como enriquecedora esta experiência, pois me permite conhecer e envolver-me numa realidade que a sociedade conhece mal, mas que não deve ignorar” (VÂNIA). “Concordo com o que disse a Vânia e reforço a ideia de que o convívio com os idosos, que é a especificidade desta instituição, foi também para mim motivo de satisfação” (MAFALDA).

VICENTE – Pelo que me foi dado saber, não é a primeira vez que a Vânia está neste Lar. É verdade, então, que a primeira presença e experiência neste Lar não a desiludiu?

VÂNIA e MAFALDA – “De facto, antes deste Estágio de cerca de três meses (6 de março a 8 de junho de 2017), já tinha aqui estado no verão de 2016 e, como foi uma experiência agradável, quis fazer aqui este meu Estágio Profissional. É evidente que, se não tivesse gostado, não teria pedido para voltar” (VÂNIA). “Como já disse, antes do estágio, não conhecia esta instituição. Mas, se tivesse necessidade e me fosse dada a oportunidade, repetiria a boa experiência, como a Vânia” (MAFALDA).

VICENTE – Então, Vânia e Mafalda, o que ides vós dizer lá fora, aos vossos familiares e amigos, sobre a vossa experiência, aqui dentro, e que gostaríeis de dizer a quem aqui vive e trabalha.

VÂNIA e MAFALDA – “Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe por me ter indicado este caminho e incentivado a fazer este Estágio, nesta casa. Aos meus familiares e amigos digo que esta experiência, além dos conhecimentos e competências profissionais que me permitiu adquirir, proporcionou-me a experiência e o convívio com a realidade da fragilidade humana e da dependência. Reconheço e louvo a simpatia que sempre tenho sentido da parte de toda a

família deste Lar: Direção, Colaboradores, Voluntários e Utentes. A todos agradeço cordialmente e a todos desejo o melhor para poderem continuar a desempenhar com qualidade e bom gosto, o meritório serviço do cuidado dos mais frágeis da nossa sociedade. Agradeço a colaboração que me foi prestada pelas Funcionárias da Secretaria e pela Diretora Técnica na realização do Estágio, como agradeço ao Gabinete de Contabilidade “Cocktail de Somas”, na pessoa da Dr.ª Paula, a gentileza com que me recebeu neste Gabinete para observar o trabalho que lá se realiza e adquirir conhecimentos e aprender procedimentos muito úteis. A todos um Bem-Haja e até sempre” (VÂNIA). “É evidente que o objetivo primeiro do Estágio não era a experiência do convívio com idosos nem a aquisição de competências para o seu tratamento, mas sim a observação de práticas e de procedimentos na área do

Secretariado e a aquisição de competências profissionais específicas na área em causa. Neste sentido, a atividade de organização de arquivos, de tratamento de recibos verdes, de acordo com os requisitos da Segurança Social, a problemática dos cálculos e preenchimento dos documentos do IRS, a soma de faturas, as taxas de 23%, o trabalho na Secretaria do Lar e no Gabinete de Contabilidade, foi, de facto, uma oportunidade eficaz para adquirir os conhecimentos e a prática requeridos. Mas, a Instituição proporcionou-nos aquisição de competências nas áreas da animação e da organização de eventos, igualmente úteis. Confesso que não tenho aspetos negativos a salientar” (MAFALDA).

VICENTE – Também nós, caras Estagiárias, vos desejamos uma vida pessoal e profissional de excelência. Quando puderdes e quiserdes, vinde visitar-nos, que sereis sempre bem-vindas.

Morreu-nos a Dona Patrocínio

Nossa cozinheira, desde a primeira hora



Foi com grande pesar que a Direção e os Colaboradores, os Utentes e os Amigos do nosso Lar receberam, no dia 31 de maio, a notícia do falecimento da Dona Patrocínio (Maria do Patrocínio Gomes Rodrigues), que foi nossa cozinheira, desde o primeiro dia e durante 27 anos, tendo cessado a sua atividade, por motivo de doença, em novembro de 2015. Pudemos avaliar, pelas lágrimas da Dona Augusta, sua colega de cozinha, durante todos estes anos, a dor da separação e a saudade de toda uma vida, partilhada no trabalho e no convívio. Comoveu-nos ouvir que, enquanto tinha as suas duas filhas a formarem-se, na Universidade, uma em Arquitetura e outra em Direito, a Dona Patrocínio confessava que não podia ir ao café, pois todo o dinheiro era pouco para a despesa que a família tinha. Partilhámos este testemunho com as filhas, no dia do funeral, tentando confortá-las com a recordação deste testemunho e dos bons serviços que prestou aos Utentes do Lar de São Vicente de Paulo, felicitando-as pela boa mãe que tiveram. Na Eucaristia que, no dia 1 de junho, celebrámos no Lar, demos graças pela sua vida e pelo serviço que prestou aos nossos Utentes e a toda a Família do nosso Lar e suplicámos para ela a bem-aventurança prometida aos que vivem e morrem nas mãos de Deus.

Atividades de Animação



Culinária

Os momentos de culinária são muito apreciados pelos utentes.

As receitas, além de fáceis de fazer, contêm pouco açúcar para que todos no final possam consumir. Os idosos assistem à preparação das receitas e depois manipulam a massa e interagem no decorrer da sessão.

Do Grão ao Pão



Pão é alimento de todos os dias. Foi pretexto para sair do Lar e participar no ateliê do "Grão ao Pão", na Quinta Pedagógica, no dia 23 de março.

Foi um momento rico na interação entre os utentes e nas lembranças que todos tinham, pois tratava-se de uma tarefa rotineira na vida de muitos deles.

O olhar dos nossos utentes e suas mãos enrugadas ao amassar o pão, foi marcante para todos. Eles ficaram felizes ao verem o resultado e deliciarem-se na degustação de um alimento carregado de simbolismo.

Árvore Maria Luísa

Foi no passado dia 30 de Março que a AASVP plantou a "Árvore Maria Luísa". A amiga da nossa associação, Maria Luísa Monteiro gentilmente cedeu-a para embelezar ainda mais o nosso jardim. A declamação do Poema "CERTEZA", de Miguel Torga, foi o mote para o momento.



Certeza

*Sereno, o parque espera
Mostra os braços cortados,
E sonha a Primavera
Com seus olhos gelados.*

*É um mundo que há-de vir
Naquela fé dormente;
Um sonho que há-de abrir
Em ninhos e sementes.*

*Basta que um novo Sol
Desça do velho céu,
E diga ao rouxinol
Que a vida não morreu.*

Miguel Torga

Páscoa



Na Páscoa, vários foram os trabalhos elaborados pelos utentes. O colorido e a doçura encantaram familiares que acorreram à compra dos trabalhos realizados.

Horta



A horta da AASVP está viva! Os utentes, no dia 11 de abril, plantaram pepinos, tomates, alface, coentros e pimentos. Com a dedicação diária dos nossos utentes é visível o crescimento dos legumes na horta, que está tão bonita!

Os Maios

A AASVP não deixou morrer a tradição dos Maios. Com uma coroa na porta da instituição celebra-se o sol e a natureza que se renova em cada primavera.



Dia Europeu da Vizinhança



A AASVP aceitou o convite do Banco Local de Voluntariado para participar no Dia Europeu da Vizinhança, no dia 30 de maio, no Complexo Desportivo da Rodovia.

A nossa obra representou a vizinhança entre pessoas que, mesmo sendo diferentes, como se via nas duas árvores decoradas pela nossa instituição, conseguem unir-se, e através de laços de amizade, trabalhar juntas para um fim comum.

E como a poesia é uma forma de exprimir a realidade, decidimos incluir algumas cópias de poemas, sobre a vizinhança, na nossa obra.

Os nossos idosos são vizinhos, são diferentes, mas vivem todos juntos na mesma casa e ajudam-nos a construir uma AASVP cada vez melhor.

Louvor e Homenagem

aos Colaboradores, Associados, Voluntários e Benfeitores do Lar de São Vicente de Paulo, com palavras deste sociólogo:

“Os observadores indicam que cerca de metade dos bens cruciais para a felicidade humana não tem preço de mercado nem pode ser adquirida em lojas. Seja qual for a nossa condição em matéria de dinheiro e crédito, não vamos encontrar num centro comercial o amor e a amizade, os prazeres da vida doméstica, a satisfação que vem de cuidar dos entes queridos ou de ajudar um vizinho em dificuldade, a autoestima proveniente do trabalho bem realizado, que satisfaz o «instinto de artífice» comum a todos nós, o reconhecimento, a simpatia e o respeito dos colegas de trabalho e outras pessoas a quem nos associamos; não encontraremos lá proteção contra as ameaças de desrespeito, de desprezo, afronta e humilhação”.

Zygmunt Bauman, A arte da vida, 2008



Não esquecer...

Visitem-nos no Facebook e façam “like” em www.facebook.com/lar.svp.braga.

Já temos 608 gostos mas precisamos de mais amigos: precisamos de vós!

Visitem também o site da AASVP: <http://www.aasvp.pt>